

Os amantes ou por uma retórica mágico mitológica

*“E viu a mulher que aquela
árvore era boa para se comer, e
agradável olhos, e árvore desejável
para dar entendimento; tomou do
seu fruto, e comeu, e deu também
a seu marido que estava com ela, e
ele comeu.” Do livro do Gênesis*

Carolina Botura é uma criadora de mitos. Mito vem da raiz grega mythos, que se tornou comum a partir de Homero e expressa o sentido de “fala”, “palavra falada”, “história”, “fábula”. A poética da artista busca na intimidade da matéria inaugurar uma espécie de arte mágica que André Breton com certeza definiria como tudo que representa uma autêntica “arte de criação” portadora de irradiações enigmáticas específicas que a identificam prontamente.

Claude levi Strauss define mito como os discursos da sociedade sobre si mesma fazendo estes discursos se encontrarem, assim como acontece o encontro de duas sociedades com diferentes interesses e narrativas em Avatar.

Assim o é com a obra de Botura. Sua produção rica e pulsante de elementos simples e universais, íntimos e transcendentais busca na forma e no gesto puro a estrutura simbólica mais profunda e necessária para tratar da essência humana que é aquela mais distante da linguagem; Aquela que comove. Sem dúvida que a artista pode ser comparada ao “Mago” de Strauss, muito bem defendido por Marcel Mauss;

“Todos esses mitos dos magos encaixam-se uns nos outros, não teríamos de nos ocupar deles tão longamente se eles não fossem as marcas das opiniões sociais de que os magos são o objeto. Assim como o mago é definido por suas relações, com os animais, assim também ele é definido por suas relações com os espíritos e, em última análise, pelas qualidades da sua alma.”

É que a obra de Botura é ela mesma revestida desta mitologia única em torno do ser humano e seus paradigmas na realidade, como se a

artista fosse a mágica que promove interações conexas diante de seu intrincado sistema mitológico de emoções e destinos. Este enredado e construtivo universo de arquétipos chama a atenção para as inúmeras possibilidades de inserção das normas humano-culturais num sistema ao mesmo tempo simplório e intuitivo, complexo e assustadoramente arrojado de composição precisa.

Seu trabalho se concentra na identificação das potencialidades. Da forma. Da matéria, da luz, da cor de seu significado e de sua leitura pela linguagem.

E é justamente deste equilíbrio mental, que surge a magia que, segundo o antropólogo francês (Strauss) se dá a partir da necessidade do homem que exige do pensamento mágico um novo sistema de referência, que permite que dados até então contraditórios passem a se integrar; “Dir-se-ia que os universos

mitológicos são destinados a ser pulverizados. Mal acabam de se formar, para que novos universos nasçam de seus fragmentos. Se pensar é viajar, o que os mitos têm a dizer não se esgota em suas sociedades de origem, posto que produzem “aberturas”, vias alternativas para que se possam vislumbrar as operações mais fundamentais do intelecto humano.”

Dona de uma obra trans histórica e trans disciplinar e que, inclusive, rejeita a própria cronologia imediata do real, podemos destacar movimentos nos quais o ímpeto pelas transformações no seu discurso mágico nos permite mais uma vez voltar a retórica mitológica de sua poética; As estratégias visuais da artista nos modos de expressar problemas originais fundamentais aparecem em motivos que lhe fascinam e onde Strauss indentificaria termos fundamentais de sua pesquisa aos universos desconhecidos; a mitologia da gemelaridade (ou a questão dos gêmeos), a ambiguidade e da afinidade, o cromatismo, o "desequilíbrio perpétuo", a "boa distância", enfim, todos conceitos ligados ao estudo de uma mitologia dedicada a elaborar intelectualmente a relação entre o contínuo ligado à natureza e descontínuo introduzido pela cultura.

No universo de Carolina Botura a projeção de si sobre o outro sobre o mundo sobre si mesma e a ritualização do fazer artístico como aspersão dinâmica capaz de gerenciar muitas formas de construção da

realidade sugerem por fim, uma artista que é feiticeira de sua própria fantasia e com isso fantasia o mundo magiciando o entorno. É no contato com essa classe de signos que nos deparamos diante de um sistema mitológico repleto de visões, muitas delas porém, da ordem do não verbal, inominável e supremo. Inventar o sonho é como uma tarefa para essa artista que tem dedicado sua pesquisa a esta espécie de poesia misteriosa. Por vezes ambígua, feminina e profundamente amorosa. Botura cria aqui sem se render ao aqui. Pertence a esta classe de encantados cuja produção ultrapassa os próprios limites de sua realização. É justo nesta magia que suas pinturas, por ora os amantes, se revelam portais de outros muitos mundos. Por fim mas não ao final; Os mitos, dirá Lévi-Strauss, se pensam entre si ao mesmo tempo em que pensam a sociedade de onde provêm, com a ressalva de que jamais pertencem a uma única sociedade, pois o que é mais próprio deles é viajar por entre elas e, assim, transformarem-se.